

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

TIPOGRAFIA SOCORRO  
FABRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 69 Apartado 3

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 187 — Domingo, 6 de Janeiro de 1957

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## VÍTIMAS INOCENTES

JÁ chegaram a Portugal e já começaram a gozar a beleza do nosso céu e o conforto admirável dos carinhos portugueses as crianças húngaras, que vieram fugidas à perseguição comunista. Como tantas outras que a hospitalidade estrangeira generosamente acolheu num louvável rasgo de altruísmo e de caridade, todas elas são vítimas inocentes da tragédia que se desenrolou no sagrado solo da Pátria de Santo Estêvão, e foi miseravelmente provocada — e realizada — pelo barbarismo soviético. A maior parte delas, quando desembarcou na tranquilidade da terra portuguesa, livre de pressões de qualquer ordem e de antipáticas violências, trazia ainda estampado no rosto o horror que viveu na Hungria e a revolta natural — e legítima — contra as hordas que ali praticaram os crimes mais degradantes e mais abjectos.

O heróico povo magiar deu-se inteiramente, de alma e coração, a um movimento extraordinário de reconquista. Saturado da opressão comunista e das monstruosidades cometidas pelos sicários moscovitas lutou desesperadamente pela restauração da sua liberdade, tendo-se dado a uma luta que constitui a maior epopeia dos últimos tempos. As crianças que ora se encontram entre nós, como aquelas que foram recebidas por outras nações, assistiram ao desenrolar dessa luta heróica e desigual e foram testemunhas oculares das barbaridades e das monstruosidades praticadas pelos mongóis que os srs. do Kremlin, pomposamente instalados em Moscovo, despejaram súbitamen-

te sobre o povo húngaro. Dos seus olhos ainda se não desvaneceram, por isso, as imagens que fixaram nesses dias inesquecíveis, e são elas que, neste momento, põem em confronto as doutrinas e os processos de duas civilizações opostas.

Na Hungria dominada pelos comunistas, encontraram elas, apenas, a miséria, a dor, a perseguição, a opressão canibalesca, a mentira, a tortura e o crime. Em Portugal, país ca-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## CASAS para trabalhadores

ASSINALÁVEL se deve considerar a festa que, revestindo aspectos de interesse eminentemente social, a Companhia União Fabril realizou, nas vésperas do Natal, na Vila do Barreiro, onde inaugurou dois novos blocos residenciais, com 94 casas, no bairro que aquela importante empresa ali começou a construir há cerca de dois anos e destinado aos seus empregados e operários.

O acto, que teve a presença, além dos dirigentes da C. U. F., do Governador

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Aspecto da Avenida da República, aonde recentemente se instalou uma moderna iluminação e foram plantadas novas árvores

## O VALOR HUMANO

Por N. RODRIGUES PENA

VIVEMOS numa época alta de mistificações, e todos nós, mais ou menos, somos seres risonhos ou trágicos mistificadores. O rico, o pobre, o fátuo e o lúcido, todos sofremos desta mazela. Erguemos como supremos valores umas tantas paixões e procurando satisfazê-las esquecemos a vida, porque passamos grande parte do nosso tempo a lutar por essas paixões, mesmo as mais absurdas. O ambicioso coloca a sua vontade ao dispor da paixão da riqueza, acumula durante toda a vida colos-

sal fortuna, que jamais poderá consumir; o político adora o poder pelo poder, sem se preocupar pelo destino e felicidade dos súbditos; o pobre, por sua vez, sonha com um súbito golpe de fortuna, a lotaria; e todos vêem nessas paixões fins e não meios da felicidade e existência humana. O assombroso e cego poder das coisas sobrepõe-se ao valor das melhores intenções e dos melhores sentimentos humanos. Vivemos em plena supremacia das coisas, e daí a inevitável depreciação do valor do homem.

Instintivamente, todos se apercebem do logro e absurdo das suas vidas, e como numa paródia digna de Rabelais, em uníssono, dispõem-se a gritar contra «as tendências grosseiras e materialistas do nosso tempo.» Inconscientemente todos nos sentimos ludibriados e chegamos à triste conclusão de que só a muito raros lhes é dada a alegria de viverem em toda a sua plenitude. E não se julgue que só as populações mantidas ainda num estágio pró-

ximo da barbárie ou vivendo uma existência em condições precárias se podem censurar de não saberem viver ou aproveitarem a vida. Todos nós, mais ou menos, animais saturados de civilização, sofremos de idêntico mal.

A educação da nossa sociedade é ainda uma coisa deficiente e um tanto atrabilhária e levamos a vida inteira a suprimir ou esquecer as lições moralizadoras e os bons exemplos que nos ensinaram na

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## APONTAMENTOS DE VIAGEM

## A MULHER INDONÉSIA E O SEU TRAJO

Por ROLLIN DE MACEDO

TENDO já tratado de vários assuntos relativos à Indonésia — literatura, cinema, folclore, etc. — era já altura de me lembrar das nossas estimadas

leituras. E assim, o artigo de hoje é para vós.

O padrão geral do traje da mulher indonésia consiste no «kain» (espécie de saia muito apertada, como uma envolta) e, como seu complemento, a «kabaya», que é uma jaqueta de elegante corte, com mangas compridas.

Portanto, o «kain» e a «kabaya» constituem a parte essencial do vestuário das mulheres da Indonésia, mas é através da cor, do desenho e da maneira como é vestido, que revelam de que parte do arquipélago da Indonésia é originária a sua possuidora.

Uma vantagem que as mulheres da Indonésia têm sobre as suas irmãs ocidentais é a de que não necessitam de se preocupar com o comprimento dos vestidos, para estar de acordo com a moda, ou saber se os mesmos se usam justos ou largos. O próprio «kain» é feito apenas numa única medida, e a bainha fica a poucas polegadas do chão.

Não deve confundir-se o «kain» com o «sarong», que tem as extremidades cosidas e é normalmente utilizado como vestuário caseiro. O processo de usar estes «kains» nem sempre é o mesmo. A oeste de Java, por exemplo, o «kain» usa-se enrolado ao corpo, bem apertado, com extre-

midade pendente na frente, enquanto que na Java Central e oriental, as mulheres, quando saem, preferem fazer uma dúzia de pregas na extremidade do «kain», pregas essas que são então postas para a frente, um tanto para a direita.

O uso do «kain» pregueado é típico das mulheres da Java Central e oriental, que vão assistir a qualquer festa, e as suas irmãs na Java ocidental já estão também a seguir um pouco este exemplo. Existem, ainda, pessoas que podem apreciar a diferença entre os tipos de mulheres das diversas regiões de Java, não só pelos seus «kains» e «kabayas», mas também pelos seus penteados. O tradicional carrapito usado pelas mulheres, em toda a Indonésia, varia muito pouco, mas hoje em dia têm as suas variações modernas, talvez inspiradas nos penteados ocidentais. As mulheres da Java ocidental e as que vivem nas maiores cidades estão mais aptas a tentar estas variações no penteado e novas combinações no «kain» e na «kabaya», do que as das outras partes do arquipélago.

Outro facto é o de que na Java ocidental haver uma preferência decidida pelo berrante, cores alegres e profusão de ornamentos, como

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## A ACÇÃO DA JUNTA NACIONAL DO AZEITE

OS números e iniciativas do trabalho desenvolvido pela Junta Nacional do Azeite merecem cuidada atenção.

Sendo Portugal, depois da Espanha, Itália e Grécia, o 4.º produtor de azeite e sabendo-se que este figura entre os seis produtos de maior valor na economia portuguesa — com a produção média de 1 milhão de contos —, fácil se antolha a magnitude dessas activida-

des. Acresce a esta importância o facto de mais de 30.000 armazenistas, retalhistas e exportadores, 6.000 lagares, 17 refinarias de azeite e 22 extracções de óleo de bagaço com todos os seus operários, tirarem deste produto grande parte dos seus proventos.

Mas não se esgotam nisto as virtualidades do ciclo do azeite. O valor social da olivicultura, em virtude da mão-de-obra que emprega, a qual, só na parte relativa aos salários da apanha da azeitona, movimentada por ano a volta de 150 mil contos, é digno dos melhores encómios, merecendo sempre toda a protecção e cuidados da Junta.

A Junta intervém na evolução do ciclo económico do azeite, fixando preços compensadores para a produção, variáveis em função da qualidade do produto, intervindo directamente no mercado, adquirindo ao pre-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A GAMINHO DA SOMBRA (INÉDITO)

Vagueei pelos mares solitários  
Em demanda do Sonho e Pensamento;  
E, na curva sombria do tormento,  
Ergui os meus castelos temerários.

Pertenci, livremente, aos solitários  
Franciscanos, que habitam num convento:  
Cá fora o louco assoviar do vento,  
Lá dentro a negra cruz dos relicários.

Mas dessa cruz que a sorte nos destina,  
Brota uma claridade tão divina  
Que o homem desce à campã resignado.

É um Calvário que pertence aos pobres,  
Aos ricos, aos felizes, mesmo aos nobres,  
É a todo o coração amargurado!

MARCOS ALGARVE

## “NOTÍCIAS DO ALGARVE”

Além das Boas-Festas que tiveram a amabilidade de nos enviar e que inserimos no último número, recebemos de mais as seguintes pessoas amigas, assinantes e colaboradores votos de Feliz Ano Novo que agradecemos e retribuimos:

Hermenegildo Neves Franco, Lisboa; Inválidos do Comércio, Lisboa; major Mateus Moreno, Lisboa; dr. Vasco Martins, Paredes; Cândido Augusto Marreças, Beja; Alcaide de Aiamonte D. Narciso Martin Navarro, Aiamonte; Manuel Tacão Monteiro, Lisboa; dr. Cruz Malpique, Porto.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve nesta vila o nosso premiado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Com curta demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso premiado assinante sr. Humberto Martins, residente em Lisboa.

Depois de passar nesta vila a quadra festiva do Natal, em casa de seus pais, retirou para Lisboa, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. dr. Diamantino Duarte Baltasar.

Regressou a Lisboa o menino José Alberto Nunes da Cruz, aluno do Instituto P. dos Pupilos do Exército, filho do cabo da Guarda Fiscal, nesta vila, sr. Jacinto Branquinho da Cruz. Este nosso conterrâneo, que tem 13 anos, foi premiado com a Medalha de Ouro daquele Instituto, a qual lhe foi entregue pelo sr. Presidente da República, por ter sido classificado no 2.º ano com 18,5 valores, no passado período lectivo.

Foi colocado nas oficinas da C. P., no Barreiro, aonde ficou residência, o nosso premiado assinante sr. João Alves Botelho.

De Lisboa, aonde residia, retirou para Castelo Branco, aonde foi incorporado, o nosso premiado amigo e assinante sr. furriel José Hercúlo Leiria.

Encontra-se nesta vila o sr. Teófilo Rita Néné, nosso premiado assinante em Lisboa.

Vindos de Madrid, aonde foram passar o fim de Ano, regressaram a esta vila os srs. Rui Martins, Manuel Francisco de Horta, José João Rodrigues Centeno e Vicente Rodrigues Peral.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso premiado amigo e conterrâneo sr. António José Rodrigues Rosa, funcionário dos C. T. T., residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria del Carmen Tavares Marques, partiu para Lisboa o nosso premiado amigo sr. Manuel de Sousa Conceição.

### Baptismo

No dia 24 do passado mês de Dezembro, realizou-se na Igreja Paroquial desta vila o baptismo do menino Manuel Lázaro Madeira da Cruz, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Madeira da Cruz e do sr. Manuel Cardoso da Cruz.

Apadrinharam o acto, o sr. José Graciliano Vieira Carmo e sua esposa, sr.ª D. Isabel Ramirez Carmo.

## Falecimentos

### D. Vitorina Gomes Baptista

No dia 31 de Dezembro, findo faleceu em Lisboa, onde há muitos anos residia, a sr.ª D. Vitorina Gomes Baptista, de 72 anos, viúva, natural desta vila. A extinta era mãe do sr. José Guimarães, empregado na Sociedade Industrial do Ultramar, avô do menino José Tomás de Oliveira Guimarães e irmã do sr. António Gomes Baptista, residente nesta vila. O funeral da saudosa extinta, que era muito conhecida e estimada pela colónia pombalina da capital, realizou-se no dia de Ano Novo, para o cemitério da Ajuda, acompanhado por numerosos conterrâneos nossos.

A família enlutada, apresenta-nos sentidas condolências.

### D. Maria da Conceição Silva

Também no dia 31 do passado mês, faleceu subitamente nesta vila, de comoção sofrida ao saber da morte de sua cunhada Vitorina, a sr.ª D. Maria da Conceição Silva, de 67 anos, natural desta freguesia.

A falecida era casada com o sr. António Gomes Baptista e mãe das sr.ªs D. Josefa Gomes Baptista Godinho, D. Maria Gomes Baptista e D. Adelina Gomes Baptista Néné, e do sr. António Gomes Baptista Júnior.

A família enlutada, apresenta-nos os nossos sinceros pêsames.

Funeral a cargo da «Agência Patrocínio».

### D. Teresa de Jesus Marques do Carmo Tengarrinha

Faleceu em Portimão, no passado dia 1, a sr.ª D. Teresa de Jesus Marques do Carmo Ten-



## PROVINCIA

### ALGÔS

#### Sport Benfica e Algôs

Aproxima-se o momento em que se vai realizar a eleição dos corpos gerentes, para o próximo ano.

Sabemos que esforços se empregam a conseguir-se um conjunto apto a enfrentar, decididamente, os problemas em curso.

Tal atitude é louvável e merece-nos o nosso mais incondicional apoio, e acreditamos que nesta hora, e como sempre, todos, mas todos, se compenemem do seu dever e estejam presentes para mais alto se elevar a colectividade, que é sem dúvida — o maior cartaz desta encantadora terra.

Se assim suceder, como é nosso desejo, terão os algosenses mais uma vez primado pela elevação do seu sentimento bairrista, e que tantas páginas de glória souberam escrever no livro da sua existência.

#### Joaquim Elói Vieira

Tem passado incomodado de saúde este nosso prezado amigo, importante proprietário e comerciante desta praça.

Apetecemos-lhe as rápidas melhoras.

#### José dos Santos Viegas

Também se encontra enfermo este nosso dedicado amigo, prestigioso oficial, reformado, da Armada, que aqui se encontra em casa de seu genro e nosso também amigo, sr. Salvador de Sousa Fava.

Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras.

#### Maria Francisca M. Cabrita Gomes

A passar a quadra festiva com seus pais e demais família, encontra-se entre nós esta aplicada aluna da Faculdade de Letras de Lisboa.

#### O edificio escolar

Nunca será de mais solicitar-se a quem de direito medidas imediatas relativamente ao estado em que se encontra o edificio onde funcionam as aulas.

Estão 4 salas sem vidros nas suas janelas, estando 5 a funcionar sem condições e uma completamente incapaz. A sua frequência é de cerca de 200 alunos, e nesta quadra de chuvas e frios, bem se pode calcular como os dignos professores poderão exercer a sua tão árdua profissão.

As crianças, pela chuva que então penetra, e bem muitas são as que estão desprovidas de agasalhos para fazer face à chuva e frio, apresentam-se em estado conflagrador.

Merecem louvores os que dirigem com tanto carinho e sacrifício as aulas, e procuram por tudo e tudo que menor seja o sofrimento dos seus pobres alunos.

Contamos, enfim, que medidas urgentes sejam tomadas e estamos certos de tal.

E neste momento em que os dignos professores tanto se empenham na cantina escolar, outro problema, como esperar-se dos bons corações a indispensável colaboração?

Sabemos, que ao sr. presidente da Câmara foi exposto o risco em que o edificio se encontra, e ainda reconhecendo o quanto este e outros problemas semelhantes vêm merecendo atenção devida, confiamos plenamente nas suas prontas medidas, salvando-se assim, as crianças de Algôs. — C.

### LUZ DE TAVIRA

#### Exibição de charolas

Apesar de que quase todo o dia a chuva miudinha e impertinente tivesse caído, não deixaram por isso de aparecer nesta localidade, no dia de Ano Novo, os tradicionais agrupamentos folclóricos, (charolas),

garrinha, de 62 anos de idade, natural de Monchique, casada com o nosso prezado amigo sr. José Mendes Tengarrinha Júnior, gerente da Agência do Banco de Portugal naquela cidade.

A extinta, senhora de raras virtudes e dotada de coração bondosíssimo, era mãe da sr.ª D. Maria Margarida Marques do Carmo Tengarrinha e do sr. José Manuel Marques do Carmo Tengarrinha, redactor do «Diário Ilustrado», de Lisboa, e irmã da sr.ª D. Maria Isabel Marques do Carmo de Oliveira Corrêa e do juiz-desembargador sr. dr. José Marques do Carmo.

O funeral realizou-se no dia seguinte, à tarde, para o cemitério de Monchique, onde o corpo ficou depositado em jazigo de família.

A toda a família enlutada, e em especial ao nosso estimado amigo sr. José Mendes Tengarrinha, manifestamos o nosso sincero pesar.

representativos dos sítios de Amaro Gonçalves, Palmeira e Poço das Figueiras. O mesmo já não podemos dizer daquele numeroso público que estávamos acostumados a ver na Luz de Tavira, neste dia, em anos transactos. Segundo nos pareceu, o motivo da ausência de povo não só foi pelo tempo pouco convidativo a passeios, mas por não ter havido conhecimento antecipado da existência de tais charolas em organização. Pelo mesmo motivo, a Casa do Povo não fez anunciar e nem promoveu o habitual concurso; apenas, para as estimular concedeu prémios a todas elas, pelas suas exhibições musicais e cânticos em louvor do Deus-Menino, cujo certame decorreu brilhantemente no seu salão de festas.

Oxalá que, em anos futuros, esta interessante tradição do folclore algarvio e principalmente desta região não deixe de ser mais acarinhado pelos habitantes desta aldeia, pois, com um pouco de boa vontade de todos, esta terra pode gozizar-se de ser visitada por muitas centenas de forasteiros. — C.

### TAVIRA

#### Bodo aos pobres

As Juntas de Freguesia de Santa Maria e S. Tiago distribuíram, pelo Natal, um bodo aos pobres, o qual constou de feijão, arroz, massa, um pacote de margarina, um quilo de pão, fruta e 5000 em dinheiro, sendo esta última oferta do sr. tenente Francisco Solóeio Padinha, nosso estimado amigo.

#### Nossa Senhora do Livramento

Realizou-se, no passado dia 26 do corrente, a tradicional festa em honra da Nossa Senhora do Livramento, protectora da classe marítima.

A procissão, que percorreu o itinerário de costume, foi acompanhada no seu percurso pela Banda de Tavira. Ao recolher, houve sermão pelo rev. Prior António Patrício.

#### Bairro Jara

Começaram, há tempo, as obras de reparação do Bairro Jara. Um dos quartelões está a ser reparado, ampliado e modernizado.

Segundo informações, o mesmo depois de pronto será alugado, o que até certo ponto vem desmanchar a ideia do benemérito que deixou esse legado. Mas, como sempre, estamos de acordo com melhoramentos que façam de Tavira uma cidade com o que de bom tem direito, concordamos com a ideia que a Câmara se propõe realizar.

#### Matinées do Natal

Verificámos que este ano as matinées do Natal para crianças não se viram. Antigamente, neste dia, todas as colectividades recreativas, bem como o cinema local, realizavam espectáculos próprios para crianças. Este ano, então, foi tudo para adultos. No «Orfeon», baile para maiores de 18 anos. No cinema, filmes para adultos. — C.

### ALCOUTIM

#### Edifícios Escolares

Integrados no Plano dos Centenários, bastantes edificios escolares se construíram substituindo velhos pardieiros onde era um crime conservarem-se crianças. Este conceito também foi beneficiado. Porém, de outros mais precisa: porque ameaçada ruína, outros porque pelo seu acanhamento as crianças se amontoam em condições anti-higiênicas e anti-pedagógicas. No vizinho concelho de Mértola, notam-se novas construções em pequenos povoados. Que se não descure também este concelho.

#### Estradas

No «Diário de Notícias» de há quinze dias, vinha inserto um comunicado de Guerreiros do Rio, em que se pedia, e com muita razão, um troço de estrada ligando aquela povoação, e com ela outras mais da beira-rio, à estrada principal. Aquele bocado de estrada muito viria beneficiar aquelas populações, estragadas por falta de vias de comunicação, só com o rio a servir-las — moroso e incerto. De bastantes mais precisa o concelho, e lembramos agora o de Gíves a Clarines — um dos principais centros cerealiíferos da nossa região.

Duas vezes o percorreu o médico municipal e em ambas deu quedas, das quais a última com bastante gravidade.

#### Noticias Pessoais

Alguns estudantes que frequentam estabelecimentos de ensino vieram passar esta época alegre e esperançosa, com suas famílias.

No Instituto Superior Técnico, concluiu a sua formatura no ramo de minas o engenheiro sr. Rui Manuel do Carmo Ildefonso, de Mar-

## FOMENTO TURÍSTICO

## DO PAÍS

PELA Presidência do Conselho foi publicado no «Diário do Governo» um decreto-lei que regulamenta o Fundo de Turismo, criado pela Lei n.º 2.082. No respeitante a concessão de participações, garantias e prémios, determina-se naquele diploma que os órgãos locais de turismo e as empresas privadas possam solicitar a participação do Fundo para os trabalhos de construção, ampliação ou adaptação de edificios ou partes deles, o seu apetrechamento com destino a estabelecimentos hoteleiros ou similares declarados de utilidade turística. O montante de participações a conceder pelo Fundo não poderá exceder 50 por cento do custo total das obras ou melhoramentos projectados. A participação concedida às empresas será feita sob forma de empréstimos, sem juro, reembolsáveis em vinte presta-

ções anuais de valor igual, a partir do sexto ano de entrada em exploração da obra ou melhoramentos subsidiados, devendo a responsabilidade emergente desses contratos ser caucionada pelas garantias que a comissão administrativa julgar conveniente. Os órgãos locais de turismo e as empresas privadas poderão solicitar do Fundo de Turismo a concessão de garantias especiais relativamente aos empréstimos por eles contraídos ou a contrair junto da Caixa Nacional do Crédito. O referido diploma estipula que os subsídios destinados a auxiliar a realização de iniciativas turísticas podem ter por objecto:

O melhoramento, a renovação ou a decoração das instalações de estabelecimentos hoteleiros e similares; a realização de obras reconhecidas pelo Conselho Nacional de Turismo como de grande interesse para uma região turística; e a realização de festivais, competições ou manifestações culturais ou desportivas sem carácter lucrativo, promovidas por órgãos locais de turismo ou por entidades particulares e que sejam considerados de atracção turística. Os subsídios não poderão exceder 50 por cento do valor das benfeitorias, das obras ou do custo dos empreendimentos subsidiados. Os prémios a conceder pelo Fundo de Turismo têm por objecto estimular ou recompensar esforços que contribuam para aumentar os atractivos turísticos do País e serão atribuídos em concursos promovidos ou patrocinados pelos serviços de turismo. Os pedidos formulados aos serviços de turismo serão apanhados de uma memória justificativa, contendo, sempre que for caso disso, o projecto de obras ou melhoramentos e o respectivo orçamento. Os serviços de turismo ouvirão os órgãos locais de turismo competentes sobre os pedidos apresentados por empresas particulares, elaborarão as propostas de participação, justificando-as devidamente, e submetê-las-ão à comissão administrativa do Fundo.

Trata-se de mais um elemento, e valioso, para o fomento turístico do País, ao qual o Governo e o Secretariado Nacional da Informação têm dado todo o apoio e incentivo.

## «Noticias do Algarve» COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos os nossos estimados assinantes, residentes nesta vila, que os recibos do «Noticias do Algarve» não foram, como de costume, a cobrar pelo correio, sendo um cobrador enviado pela Redacção que cobra as assinaturas. Pedimos aos nossos assinantes o seu bom acolhimento.

## + Agradecimento Ana Garaça Delgado

José Pedro Delgado, filho, neto e sobrinhas, vêm por este meio agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que se tenham solidarizado com o seu desgosto e às quais, por motivos alheios à sua vontade, não tenham podido agradecer individualmente a cordialidade das suas presenças e acompanhamento.

PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C. Vila Nova de Gaia

tinlongo. A seu pai, sr. Manuel Ildefonso, e a sua irmã, sr.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Ildefonso, dirigimos os nossos efusivos parabéns.

De Lisboa, recolheu a sua casa nesta vila, já bastante melhorado do mal que o acometen, o sr. António Patrocínio dos Santos, funcionário dos correios.

Em gozo de licença, esteve na sua casa de Farellos o sr. Manuel Joaquim Machado, funcionário público em Lisboa.

Com sua esposa, que veio visitar os avós, esteve nesta vila o sr. eng. Rogério Lopes da Trindade e Lima, residente em Lisboa.

#### Falecimento

Em Martinlongo, onde durante muitos anos exerceu o magistério, faleceu a professora aposentada sr.ª D. Ana Bárbara Guerreiro Xavier. A sua sua família apresentamos a expressão do nosso pesar. — C.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 29 de Dezembro a 4 de Janeiro:

#### TRAINEIRAS

Flor do Guadiana . . .	62.940\$00
Raulito . . .	52.815\$00
Maria Rosa . . .	37.785\$00
Agadão . . .	35.155\$00
Rajada . . .	34.880\$00
Tozé . . .	30.290\$00
Liberta . . .	30.245\$00
Aldita . . .	29.870\$00
Conceicanita . . .	25.115\$00
Triunfante . . .	24.720\$00
Costa Azul . . .	20.850\$00
Pérola do Guadiana . . .	18.990\$00
Deolinda Rita . . .	18.700\$00
Infante . . .	17.285\$00
Flor do Sul . . .	12.270\$00
Flor do Norte . . .	11.360\$00
Norte . . .	8.410\$00
Tólius . . .	2.710\$00
Total . . .	474.390\$00

#### CERCO

Amazona . . . . . 7.160\$00

### Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António De 28 de Dezembro a 3 de Janeiro:

#### Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.  
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.  
RIMBERG, Alemão, de 1.212 ton., de Lisboa, vazio.

#### Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.  
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.  
RIMBERG, Alemão, para Roterdão, com minério.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 5 a 11 de Janeiro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito, Telefone 31.

## O QUE É DEFESA CIVIL?

— A dona de casa que limpa os madeiramentos do telhado para diminuir o perigo de incêndio.

— O médico que organiza uma equipa móvel de primeiros socorros.

— O professor primário que ensina os exercícios de defesa contra incêndios e outros casos de urgência.

— Os pais que mostram a seus filhos como se coloca uma lixadeira.

— O presidente da Câmara que explica a razão porque a sua cidade deve auxiliar outras povoações em caso de emergência.

— O operário dos serviços públicos que localiza e repara uma rotura num cano de gás ou água.

— O bombeiro que ensina os bombeiros auxiliares.

— O merceiro que distribui as reservas alimentícias de urgência.

— O agricultor que dá melo lírio do seu sangue, que estuda o que pode ser a guerra biológica e as doenças das suas colheitas e do gado.

— O editor que serve uma série de artigos acerca das instruções em caso de «traids» aéreos ou cataclismos.

— O amador de rádio que estabelece contacto com uma localidade isolada.

— O estudante que aprende como se verifica e se utiliza um extintor.

— O motorista que aprende a transformar a sua caminheta numa ambulância.

— O assistente social que fabrica um forno com tijolos e caixas de conservas.

— O engenheiro que faz o reconhecimento do material pesado.

— O psicólogo que estuda o pânico.

— O arquitecto que indica os sectores para a construção de abrigos.

E' um programa positivo.

O aperfeiçoamento da Defesa Civil assenta no conceito de que os nossos vastos oceanos se reeduziram a pequenos riachos e que a América é daqui em diante vulnerável numa centena de «Pearl Harbour».

## + Agradecimento

José Guerreiro Pereira, sua mulher, Aurora Maria Antónia Guerreiro Pereira, e mais família, agradecem, muito reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua saudosa filha a sua última morada.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

A MULHER INDONÉSIA E O SEU TRAJO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

que para condizer com a paisagem luxuriante e colorida da área de Priangan. Os «kains» favoritos são os multicoloridos, berantes, feitos em Bandung e Pekalongan (Java Central), a que se dá o nome de «djalamprang». O povo acha o «djalamprang» como um pouco insólito e usam-no apenas em casa, tal como os seus «kains» azuis e vermelhos.

As mulheres de Sumatra têm como típico uma «kabaya», tipo de blusa, solta e comprida, que quase chega aos joelhos e tem o nome de «badju kurung», aliás um nome bem escolhido, dado que significa algo como um vestuário que esconde e envolve o corpo.

Com o «kain» e a «kabaya» usam chinelas de salto alto e uma «slendang», ou faixa lançada negligentemente sobre um ombro ou enrolada graciosamente à sua volta. Porém, em vez das chinelas vulgares de salto alto, estão cada vez a usar mais as sandálias de madeira, sugeridas pela moda de Java ocidental. Estas delicadas sandálias de madeira, com solas que vão desde uma até três polegadas de altura no tacão, são feitas num sem-número de variedades de cores e feitios.

As solas são pintadas ou entalhadas e tanto podem representar um dragão com a boca aberta e língua enrolada como o desenho de uma flor. As tiras destas sandálias de madeira são feitas de couro dourado ou prateado. Além do seu aspecto atraente, as sandálias são, comparativamente, mais baratas e mais confortáveis.

Muitas mulheres da religião «moslem», na Indonésia, usam um véu que, sem lhes cobrir a cara, flutua elegantemente sobre a cabeça. Onde não se usa o véu, este é substituído pela faixa. Qualquer tecido fino pode ser usado para este «slendang». Contudo, há também alguns, feitos em casa, tão lindos como os que são tecidos em Bali e em Sumatra, e que são entrelaçados com fios de ouro e prata. Há, também, ainda, os «pelangis», que são tratados por um processo popular de teagem e de coloração semelhante ao usado na Índia.

Tal como as mulheres de todo o Mundo, as mulheres indonésias gostam de jóias e de ornamentos brilhantes. Ainda que as não vejamos usá-las à maneira grandiosa das ocidentais, pelo menos um pouco de ornamento é inseparável do traje nacional das mulheres indonésias. Mesmo a mulher mais pobre considera os seus brincos como a parte mais necessária do seu traje. Tanto melhor será se obtiver outros adornos, mas até mesmo uma flor é já su-

ficiente para adornar o seu carapito.

Os trajos ocidentais são, sem dúvida, mais adequados às modernas ocupações, e são usados para o trabalho nos escritórios e para os desportos. Contudo, o traje nacional reterá sempre a sua atracção decorativa. Em parte por causa disto, a mulher indonésia tem sempre o orgulho de aparecer, nas ocasiões importantes, vestida com o traje nacional: o «kain» e a «kabaya».

Este tema do vestuário das nativas indonésias foi, ainda há pouco, tratado numa conferência feita em Manila pela escritora indonésia Armijn Pane, directora do magazine indonésio «Wantia» (Mulheres).

Rollin de Macedo

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

(a doença...) não impedir que o pão chegue, e os remédios e a renda da casa. Senão, tertas de andar. Olaré. Lábios reventados, olhos a estoirar de febre, mas amarrada ali à fiandeira ou à banca. Lembra-te do Damião...

Damião, Charlot, Van Gogh

e o mais que adiante se verá

O Damião. Baixo, a cabeça enorme, duas orelhas minúsculas de ratinho. Um ar... como direi, um ar de roupa mudada raras vezes. As calças dele lembram-me as de Charlot. Bem, devem ter-lhas dado, alguém mais alto do que ele. É possível que estas pinceladas não sirvam para caracterizar uma pessoa. Aláds, penso que nunca serei capaz de descrever uma pessoa. A não ser uma criança. Isso posso eu fazer, com uma perfeição e uma paciência que não sei de onde me vêm. Se tem lacinho ou se não tem, o vestido, a cor e o feitio dele, cintozinho ou solto, afogadinho no pescoço ou com duas alças de cor diferente, se tem barras ou se é liso ou bordado, eu sei lá. O mais engraçado é que, para tanto, um segundo me basta. Um segundo! Um mover de olhos, quero eu dizer. Um adulto, essencialmente um homem, é diferente. Impossível, às vezes, descrevê-lo exteriormente. Confesso; às vezes, invento. Apañhei, de surpresa, um pouco da alma; depois é trabalho de composição, de laboratório... Vejam o Damião, tal como falei dele. Sejam francos; é, ou não, figura tosca? É. São capazes de o imaginar? Claro que não. Quis prender-me a um pormenor revelador, as calças deformadas à Charlot, e falhei. O que salta à idela não é o Damião, é o Charlot. Retratar uma pessa por um quase nada; escrever um drama sem dar uma palavra; atacar e denunciar as safadezas de uma sociedade imoral através de uma bota cambada é bom para um Van Gogh. Não para uma pobre aprendiz de feiticeira.

Está bem. Mas dizia eu que... Estava eu dizendo que apañei, de relance, um momento da alma das pessoas, e são esses momentos que eu gosto de fixar. O Damião, com aquele ar afilto de menino que se perdeu da mãe! A cara cheta de vincos, como um vestido em primeira prova. — O senhor Damião, o que tem? — O minha senhora, minha senhora, até estou cego de tanta dor!

— Mas o que é? — É um óbcesso neste dente aqui... E escancara a boca. Espreito. Uma visão de caverna mal iluminada. Uma cabana de pobre, de travejamento apodrecido e móveis de feira da ladra. Ao lado esquerdo, diviso uma mancha escura, violácea, com laivos cor de rosa. — Parece que estou metido numa prensa de azeite, minha senhora. Já nem sei se a dor é nos dentes ou nos pés. — Mas porque é que não se vai embora, Damião? — Descontam-me, minha senhora. Descontam-me... Um homem tem de aguentar. Vou bochechando com aguardente, a ver se o óbcesso rebenta. Damião... Estou a vê-lo, a uma certa distância já. Estou a vê-lo, com a mesma ternura e o mesmo encantamento. É preciso não ser mariquinhas, Manuela. Que diabo! Uma gripe não é uma subversão cósmica. Vamos, senta-te e escreve o conta gotas desta semana.

Marla Manuela Nunes



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Regional do Algarve

Disputou-se, no passado domingo, a 8.ª jornada do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, que forneceu os seguintes resultados:

Lusitano, 5 — Unidos, 1  
Silves, 4 — Esperança, 4

Lusitano-Unidos Sambrazense

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: Pinto Coelho, da A. F. F.

Lusitano: Rodrigues; Pescada, Lopes e Gonçalves; Mendes e Daniel; Parra, Marco, Modesto, Travaços e Ludgero.

Unidos: Nànita; Pedro, J. Rosa e Fernando; Bandeira e J. Lopes; Carlos, J. António, Santinhos, Xaruga e Armando.

A partida Lusitano-Unidos proporcionou luta emotiva, se bem que o estado em que se encontrava o campo, devido à chuva, dificultasse a tarefa dos jogadores.

Todavia, foi um desafio de domínio constante por parte do Lusitano, e desta maneira os cinco golos apontados são o desfecho lógico e certo desse domínio insistente, que punha constantemente em perigo as balizas à guarda de Nànita, o qual teve trabalho que merecia alta cotação, pois realizou um punhado de defesas valorosas e difíceis, se bem que a sorte o tivesse acompanhado nalguns lances de golo feito, que foram salvos nos últimos momentos, já sobre o risco da baliza.

Assim, a luta esteve resumida a uma despiques entre a avançada local e a defesa visitante, que se via em constantes apuros para aguentar a toada rápida e

penetrante dos dianteiros caseiros, a jogarem bem, ao contrário dos rapazes do Unidos, que, quando desciam ao meio campo contrário faziam-no quase sempre sem criarem grande perigo, e nas vezes que isto se verificava, a defesa do Lusitano, atenta, cortava muito bem.

Portanto, não admira a vantagem que os lusitanistas disfrutavam no final do prélio, pois dominaram em quase todo o desafio, e com um pouco mais de sorte, poderiam ter construído um resultado ainda mais amplo e que estaria mais de harmonia com o grande domínio disfrutado.

No primeiro tempo, o resultado cifrava-se em 3-1, tendo marcado pelo Lusitano: Parra, Modesto e Ludgero, tendo o tento do Unidos sido apontado por Xaruga; na segunda metade, o grupo encarnado marcou mais duas vezes, ambas por Travaços.

No Lusitano, distinguiram-se: Lopes, Parra, Ludgero, Mendes e os dois interiores; no Unidos, o melhor de todos foi Nànita, como já dissemos, seguido de J. Rosa, Bandeira, J. Lopes e Xaruga.

O trabalho do árbitro teve alguns deslizos, deixando passar sem marcação algumas faltas, entre as quais duas cargas dentro da área de rigor, que mereciam mais severa punição.

Não se considera o jogo Boa Esperança - Louletano, que se realizou no dia 1 de Janeiro, em virtude de o boletim do árbitro não ter dado entrada, na data indicada, na Associação.

Jogos para hoje:

Boa Esperança-Silves  
Louletano-Lusitano  
Esperança-Unidos

BASQUETEBOLO

CAMPEONATO DISTRITAL

Disputaram-se os jogos respeitantes à 9.ª jornada do Campeonato de Basquetebol do Algarve, tendo-se apurado os resultados seguintes:

Lusitano, 28 — S. C. Olhanense, 43  
C. D. «Os Olhanenses», 44  
C. F. «Os Bonjoanenses», 39  
Farense, 39 — Ginásio, 64

Alinharam e marcaram:  
Lusitano: Andrade (9), Carro (2), Gavino (4), Salas, Branco (13) e J. Jara.

Olhanense: Flávio (22), Correia (1), Pité (6), Evaristo (2), Brito (11), Faicão (1) e Cravo.

Árbitro: Alfredo Martins.

«Os Olhanenses»: Serrano (4), Simões (2), Vinhas (22), Hernani (6), Serro (3), Amaro (1), Madeira e Evangelista.

«Os Bonjoanenses»: Cunha, Alcino (3), O'Brien (2), Cruz (11), Bernardino (1), Patrício (19), Jesuino e Ferreira (3).

Árbitro: Marcelino José.

Farense: Gago (15), Arnaldo (6), Caronho (10), Van, Mónica, Graho, Eurico, Bastardinho (8) e Firmino.

Ginásio: Romeu, Almeida (2), Pinto (12), Alves (5), J. Vicente (9), Luis do O (36) e Gonçalves.

Árbitro: Gilberto Ferreira.

Por acordo entre os dois clubes, disputou-se já o encontro respeitante à 10.ª jornada, Olhanense-«Os Olhanenses», que terminou com a surpreendente vitória do primeiro por 52-46, tendo alinhado e marcado:

Olhanense: Nuno (15), Cravo,

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CRÓNICA DESPORTIVA

DOIS ACONTECIMENTOS NO LUSITANO FUTEBOL CLUBE

Uma camioneta para transporte dos seus jogadores

Constituição de uma comissão para cuidar da melhoria do campo de jogos

DECIDIDAMENTE, a nossa mais valerosa colectividade desportiva — o Lusitano F. Clube — está em franco ressurgimento. Realmente, depois que o clube desceu da 1.ª divisão do futebol nacional, verificou-se uma quebra de entusiasmo na sua actividade desportiva, factor que se reflectiu fortemente nos vários aspectos da vida da colectividade.

Natural, embora de aceitar como natural consequência, — é transcendente para a vida e popularidade de qualquer clube a sua valorização e comportamento desportivo — provocou, é certo, um amolecimento na actividade geral. Inevitavelmente, o clube teve de suportar os efeitos de uma grave crise associativa, à qual não ficou estranha a não menos inevitável crise de dirigentes. Baldadamente se procuravam os amigos do clube, para continuarem a obra que Francisco Gomes Socorro, em cooperação com outros vilarealenses, haviam iniciado.

No primeiro tempo, o resultado cifrava-se em 3-1, tendo marcado pelo Lusitano: Parra, Modesto e Ludgero, tendo o tento do Unidos sido apontado por Xaruga; na segunda metade, o grupo encarnado marcou mais duas vezes, ambas por Travaços.

No Lusitano, distinguiram-se: Lopes, Parra, Ludgero, Mendes e os dois interiores; no Unidos, o melhor de todos foi Nànita, como já dissemos, seguido de J. Rosa, Bandeira, J. Lopes e Xaruga.

O trabalho do árbitro teve alguns deslizos, deixando passar sem marcação algumas faltas, entre as quais duas cargas dentro da área de rigor, que mereciam mais severa punição.

Não se considera o jogo Boa Esperança - Louletano, que se realizou no dia 1 de Janeiro, em virtude de o boletim do árbitro não ter dado entrada, na data indicada, na Associação.

Jogos para hoje:

Boa Esperança-Silves  
Louletano-Lusitano  
Esperança-Unidos

BASQUETEBOLO

CAMPEONATO DISTRITAL

Disputaram-se os jogos respeitantes à 9.ª jornada do Campeonato de Basquetebol do Algarve, tendo-se apurado os resultados seguintes:

Lusitano, 28 — S. C. Olhanense, 43  
C. D. «Os Olhanenses», 44  
C. F. «Os Bonjoanenses», 39  
Farense, 39 — Ginásio, 64

Alinharam e marcaram:  
Lusitano: Andrade (9), Carro (2), Gavino (4), Salas, Branco (13) e J. Jara.

Olhanense: Flávio (22), Correia (1), Pité (6), Evaristo (2), Brito (11), Faicão (1) e Cravo.

Árbitro: Alfredo Martins.

«Os Olhanenses»: Serrano (4), Simões (2), Vinhas (22), Hernani (6), Serro (3), Amaro (1), Madeira e Evangelista.

«Os Bonjoanenses»: Cunha, Alcino (3), O'Brien (2), Cruz (11), Bernardino (1), Patrício (19), Jesuino e Ferreira (3).

Árbitro: Marcelino José.

Farense: Gago (15), Arnaldo (6), Caronho (10), Van, Mónica, Graho, Eurico, Bastardinho (8) e Firmino.

Ginásio: Romeu, Almeida (2), Pinto (12), Alves (5), J. Vicente (9), Luis do O (36) e Gonçalves.

Árbitro: Gilberto Ferreira.

Por acordo entre os dois clubes, disputou-se já o encontro respeitante à 10.ª jornada, Olhanense-«Os Olhanenses», que terminou com a surpreendente vitória do primeiro por 52-46, tendo alinhado e marcado:

Olhanense: Nuno (15), Cravo,

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

ciado quarenta anos antes. Ao fim e ao cabo, esses amigos apareceram. Uma equipa chefiada por António dos Anjos Ruivinho prontificou-se a trabalhar em prol do Lusitano. Os resultados desse desvelado e discreto esforço estão a evidenciar-se aos olhos dos vilarealenses; reorganização e saneamento da administração; valorização desportiva; regresso à simpatia e apoio da massa associativa, sustentáculo indispensável para que o clube possa viver dignamente.

Os dedicados dirigentes do Lusitano, entre os quais é de justiça incluir o nome do seu actual dirigente desportivo, sr. Eduardo Augusto, treinador das equipas de futebol, verificam que à sua volta vai-se intensificando uma atmosfera de apoio, que muito útil há-de ser para a vida do clube. Ainda há dias nos foi grato constatar que, em consequência desse movimento solidário, o Lusitano pode dispor já de uma camioneta privativa para transportar os seus jogadores, benefício altamente valioso e, segundo cremos, presentemente apenas utilizado por três clubes do primeiro plano.

Um grupo de sócios constituiu, agora, uma comissão que pretende trabalhar no sentido de valorizar o campo atlético. Um fundo especial e exclusivamente administrado pelos comissionados permitirá que se efectuem as obras necessárias para melhoria geral do campo, designadamente no que se refere a acomodação dos sócios e do público, cobertura de bancadas, etc.

Essa comissão, que em princípio ficou constituída pelos srs. José Guilherme Gensley, António Soares, António Samúdio, Manuel Francisco de Horta e Manuel Martins Viegas Alvares, foi já reconhecida e empossada pela direcção do clube, e iniciará em breve a sua actividade.

Deste modo, verifica-se que no Lusitano Futebol Clube trabalha-se no melhor sentido de fazer voltar a agremiação aos momentos áureos da sua expansão desportiva, não só para satisfação espiritual de todos os lusitanistas, mas também para que Vila Real de Santo António volte a presenciar aqueles dias buliçosos de contagiante animação, tão peculiares das embaixadas desportivas quando nos visitam.

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

VENDE-SE

Propriedade Monte S. Bartolomeu. Dirigir propostas em carta fechada para a Rua de S. Pedro, n.º 21, Faro, ficando-se no direito de não entregar caso as mesmas não interessem.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Pela secção de processos da secretaria judicial desta comarca, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Silvestre Miguel Teixeira, solteiro, proprietário, residente no Monte de Pero Dias, freguesia de Martinlongo, desta Comarca, para no prazo de dez dias, posterior a quele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por António Lopes, casado, comerciante, residente na aldeia e freguesia de Martinlongo.

Vila Real de Santo António, 17 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Secção de Processos,

(a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

CASAS

para trabalhadores

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Civil de Setúbal, sr. dr. Miguel Bastos, constituiu uma eloquente afirmação da notável obra social que aquela activíssima organização industrial está realizando modelarmente.

Os referidos blocos, de linhas modernas, são paralelos aos outros dois inaugurados o ano passado.

Compreendem, como observámos, 94 moradias de três tipos, com 9, 8 e 7 dependências, aos preços, respectivamente, de 110\$00, 100\$00 e 90\$00.

Vai agora começar a terceira fase do bairro, que compreende três blocos residenciais, com 90 fogos; uma escola primária, centro educativo e igreja de Santa Bárbara, para substituir uma capela da mesma invocação, que foi demolida há anos para ampliação das fábricas.

Assim se concretiza o espírito que anima o Estado, de materialização de uma cada vez mais eficiente política de defesa e auxílio das classes operárias — política que as grandes empresas particulares, paralelamente aos Poderes Públicos, compreendem e executam e que, agora, sob o signo da Mensagem eterna do Natal, possui ainda maior expressão, maior latitude espiritual.

Marla Manuela Nunes

CASAS

em Vila Real de Santo António

Vendem-se 2 moradas de casas térreas, situadas na Rua dr. Sousa Martins, n.º 83 e 85.

Uma morada de casas térreas, situada no Largo Barão do Rio Zezere, n.º 11.

Recebem-se propostas dirigidas a José dos Santos, Rua Aliança Operária, 55-1.º Esq. — Lisboa.

Por amor de uma frase se escreve um capítulo, exactamente como por amor de um lindo fecho se escreve um soneto. A attitud estetica tem muitas dessas singularidades.

Lendo, recentemente, um capítulo do Inventário de Junho — «Paisagem sentimental» — onde pai e filha conversam (a filha é uma criança de poucos anos), ficámos com a impressão de que todo o capítulo foi escrito para terminar no jogo de palavras que remata a seguinte transcrição:

«— Não é verdade que se está bem aqui neste sofá? — Sofá?... Pois isto é sala, pai?... Ah! sim... Que sala mais linda e mais grande que é este campo!... — replicou-me ela na sua deliciosa algaravia algarvia.»

(Sublinhámos a expressão final, precisamente para acentuar que teria sido ela a polarizadora de todo o capítulo. Pois não teria sido? Lembraremos que a pequenita era algarvia, e a cena se passa no Algarve. Lembraremos ainda que o Inventário de Junho é de M. Teixeira Gomes, grande artista que para um belo livro escolheu o mais feio dos títulos...)

#### A NOSSA LÍNGUA

A nossa língua, herdada das gerações que nos precederam, que nos foi transmitida com o leite que mamámos dos peitos de nossa mãe, que da boca desta ouvimos com suavidade e ternura, língua depositária de glórias passadas, de desditas sofridas e de aspirações em programa, tem direito ao nosso amor. Ela nos ajudou a crescer e a... aparecer, ela nos fez homens, e é, evidentemente, a mais formosa das línguas do mundo, porque nunca noutra língua saberemos exprimir com igual beleza e profundidade os nossos anseios, as nossas dores e alegrias, as nossas vozes de comando, as nossas ternuras. Recomendava Goethe que da nossa dor fizessemos um poema. Só na nossa própria língua conseguimos fazer esse poema. As outras línguas poderemos falá-las, — mas só o conseguimos fazer com as pontas dos beiços, com a periferia do espirito, com as franjas do coração. Só através da nossa — bem nossa — nos exprimimos em profundidade, em humanidade, com acentos sugestivos, com voz comunicativa.

Por tudo isto — e outro tanto que se poderia dizer — a devemos amar, falando-a o melhor possível, escrevendo-a na estira dos grandes escritores nacionais, e sempre mais como homens do que como autores.

#### A LUA ROMÂNTICA

O romantismo tinha certa simpatia pelo mistério, pelo semi-velado, pela penumbra, pelos contornos esbatidos e indecisos. E não seria por isso mesmo que a lua merecia tantas simpatias aos românticos? Pois não é ela precisamente o astro cuja luz espalha sobre as coisas a penumbra da indecisão, esbatendo a rudeza de contornos das coisas, sem ocultar os conjuntos?

Podemos admitir que os gregos nunca foram românticos, justamente porque a transparência da sua atmosfera emprestava às coisas — ainda as mais distantes — silhuetas nítidas.

#### UMA INFORMAÇÃO dos C. T. T.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cutos telefónicos entre Alcoutim e Mértola.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos C. T. T. que houve, de facto, intenção de instalar o posto em causa no Quartel da G. N. R., em virtude do encarregado do posto já existente não desejar desempenhar horário permanente e não haver na povoação qualquer outra pessoa com condições para o poder fazer.

Verificou-se, posteriormente, dificuldade em tornar o projecto executório, visto que o Comando Geral da G. N. R. tinha em tempos determinado que os postos telefónicos nos quartéis daquela corporação não seriam facultados a particulares.

Em face da acuidade que o problema tomou, consultou-se novamente a referida entidade, a qual acaba de autorizar que o posto instalado no seu quartel de Alcoutim, e que usou o horário permanente, seja posto à disposição do público em casos de urgência e quando se encontrem encerrados os postos da localidade.

## VALOR HUMANO

### Comentário Cinematográfico

# UM PROBLEMA SOCIAL FRUSTRADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Infância e adolescência, para as substituímos por atitudes «realistas», que são essas precisamente as que convêm e que a vida nos exige. Depara-se-nos assim um flagrante abismo entre a escola e a vida. Ora, na vida, na prática quotidiana das relações sociais, nem sempre os bons exemplos extraídos da cartilha moral se mostram adequados ou eficientes. O homem até hoje tem sido um «animal de paixões», não porque o facto pertença às imposições da sua natureza, mas por razões que a engrenagem social exige. Bastando-lhe as paixões, o homem julga que vive. Engano. Não vive, ludibria-se, mistifica-se.

Vive-se a vida uma única vez, e bastaria isso para considerarmos bem do seu valor e o que representa para todos nós a soma dos dias que formam a nossa existência. E' certo que nem todos, infelizmente, se encontram na terra possuídos dos necessários conhecimentos que lhes proporcionem a consciência do valor duma vida humana.

Ainda hoje, apesar de uma civilização de que o homem, de certo modo, se pode orgulhar, existem muitas coisas que envergonham os homens, objecções, injustiças que se torna imperioso eliminar da terra. A paredes-meias com uma humanidade que beneficia de todas as conquistas da civilização, vivem ainda milhões de seres que ignoram essa civilização; ao lado de pessoas super-alimentadas, vivem populações inteiras de famintos; homens correm o mundo em todas as direcções e apreciam as maravilhas da cultura, extasiam-se ante as obras-primas de arte, respiram as puras atmosferas que elevam o homem e o exaltam; outros, uma grande maioria, ignora tudo isso, desconhece os nomes luminosos dos artistas que criaram beleza imortal, dos cientistas que trabalham incansavelmente pela felicidade do homem e lutaram contra o sofrimento.

A existência dessas populações não tem horizontes e perspectivas, desenrola-se ainda numa batalha constante, que tem por único objectivo a conquista do pão e das necessidades mais prementes e elementares. A nossa civilização ainda não foi capaz de suprimir essas zonas escuras, e elas subsistem para vergonha nossa e para testemunho da nossa impotência. Milhões de pessoas continuam na terra ignorando o seu poder de realização, desconhecendo o valor das suas mãos e dos seus cérebros, talvez nem se apercebendo de que poderiam ser úteis, de que poderiam encontrar na terra as condições que lhes proporcionassem a criação da beleza e da vida. Teremos, pois, algum direito de exigir a esses rebanhos de homens, abandonados às suas próprias limitações e escassos recursos, uma maior compreensão pela vida, uma maior compreensão pelo valor humano? O valor das coisas sobrepõe-se tragicamente ao valor humano, o verdadeiro demiurgo de todas as realizações.

Vivemos, pois, todos agrihoados ou tiranizados por paixões que erguemos a categoria de supremos valores da vida. E esquecemo-nos verdadeiramente de viver, pois consideramos essas paixões como fins da existência e não meios para se atingir a felicidade. Passamos, assim, pela terra sem olharmos as verdadeiras belezas que encerra, sem nos darmos conta de outras vidas iguais às nossas que poderíamos ajudar e tornar felizes; corremos a vida a galope, como se a vida se tratasse de uma maratona, atraídos por miragens falazes e que desmentem o autêntico carácter que todo o ser humano devia imprimir aos seus actos, à sua conduta.

Rodríguez Pena

#### ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA  
Agência Comercial  
e Marítima do Sul  
Avenida da República, 65  
— Telefone 76 —  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

«SEMENTES de Violência» é um filme característico da fase de reabilitação do cinema americano. Trata de um problema social, que deve afectar grandemente os Estados Unidos: a delinquência juvenil. E' pena que as limitações impostas pelo tão famoso Código de Produção fizessem com que «Sementes de Violência», que podia ter sido uma obra prima, fosse apenas um filme acima de mediania. O problema é, de início, posto franca e vigorosamente, dispondo-se a tratar um caso geral, mas contradiz-se, ao terminar, por o resolver particularmente e de maneira convencional. Todo o convencionalismo da sequência final e a sua ilusória solução roubam grande parte da força do filme, destruindo, mesmo, a estrutura da obra, architectada de maneira brilhante por sequência. Resumindo: mais de metade do filme vai equilibrado, e deixa antever o problema em toda a sua generalidade; a parte final, mercê do convencionalismo já mencionado, é falha e deturpa tendenciosamente o problema de início exposto.

Seria melhor que problema tão complexo como a delinquência juvenil fosse deixado em suspenso (à maneira neo-realista de «Ladrões de Bicicletas»), e não resolvido de uma maneira tão pouco convincente, como em «Sementes de Violência». Não é a Richard Brooks, o realizador, que atribuo toda a culpa do enfraquecimento da obra. Creio, mesmo, que o argumento inicial seria outro. Se quisermos ser objectivos, temos que levar em conta que o tratamento de casos sociais no cinema americano é muito limitado e tanto quanto possível posto de parte. O que interessa é «uma representação de um nível de vida médio e são». Ora, não é este o caso de «Sementes de Violência». Por isso, para que a susceptível consciência americana não seja ferida, é necessário que o problema aí apresentado seja considerado um caso esporádico. Apesar de tudo, esta obra de Richard Brooks é séria e digna (não vejamos nela uma obra sensacionalista e sádica, como pretende o crítico de cinema Armindo Blanco), que não atingiu plenamente o seu fim, pela razão já apresentada.

A acção decorre numa Escola Técnica, frequentada por jovens delinquentes, que

durante a guerra se viram em liberdade, afastados dos pais, que combatiam, e das mães, que trabalhavam em fábricas. A escola era uma senda do crime. Nela reinava uma desordem e uma anarquia frenéticas. Não se hesitava em violar uma professora, assaltar um camião ou espancar professores. Naquela massa heterogênea de alunos de várias raças, unidos em estrita coesão, era o mal que imperava. Seriam eles culpados? Evidentemente que não! As condições sociais em que viviam é que os tornavam assim. Constituiriam «casos para reformatório», como pretendia o inspector da policia?

A solução para o caso é-nos proposta, através de Rick Dadier (Glen Ford) professor inconformista com a situação, tipo do moderno herói americano, que, apesar de espancado e humilhado, não deixa de tentar captar a simpatia dos jovens delinquentes. Todas as primeiras tentativas fallham. O professor procura finalmente despertar o interesse deles, exibindo um filme, e obrigando-os, sem que eles o pressintam raciocinar e discutir sobre o seu conteúdo moral. Justamente, até aqui, o filme corre normalmente. Seria interessante os que se poderia encontrar a solução. Mas o desfecho da obra é contraditório à atitude inicialmente tomada por Richard Brooks.

Dadier, que conseguira

captar a simpatia de quase toda a classe, excepto de dois (que exerciam grande influência sobre os restantes), vê-se obrigado a entregá-los ao director, para que dêem entrada num reformatório. Isto tudo, depois de ter lutado contra um deles, Artie West. Uma vez estes dois maus elementos afastados, o sossego começará a reinar na escola, e os delinquentes não mais serão rapazes maus. Solução que ilude. Assim, ficaremos com a convicção, de que o pérfido Artie West e o seu camarada inseparável que eram os culpados, afastando-os da verdadeira e complexa raiz do problema.

E' pena, porque, sem esta sequência final, «Sementes de Violência» seria um grande filme. Toda a obra é narrada com uma excelente e dinâmica linguagem cinematográfica, por vezes impecável. E' um filme violento como o seu próprio tema.

A interpretação, na sua totalidade, é excelente; salientemos a do jovem actor Vic Morrow (Artie West), que, apesar de imitar directamente Marlon Brando, tem uma notável interpretação.

«Sementes de Violência» é fundamental para a compreensão do estado actual do cinema americano.

David Lopes

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

## A CRIANÇA E A MEDICINA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lexia e higiene, acarreta graves males à sociedade, especialmente quanto à criação das crianças, vítimas da ignorância da família, que entre nós não atingiu o grau de espirito crítico necessário para reconhecer a situação e dar conta dos prejuizos de que é causa.

Mas, a gravidade deste aspecto social aparece claramente ao verificar-se a extensão destas concepções erradas até às mais altas camadas sociais, não sendo só as classes inferiores (económica e culturalmente) que vivem no alheamento dos meios que a ciência lhes pode proporcionar para a formação de indivíduos robustos de corpo e normais do espirito. Mesmo entre aqueles que conseguiram diplomas de cursos superiores se topa frequentemente com concepções falsas e criminosas, provenientes do desconhecimento dos assuntos relacionados com a criação e educação das crianças, prejudicando o normal desenvolvimento dos seus filhos e ignorando — estas exclusivamente por desleixo e comodismo — os mais rudimentares princípios das ciências que orientam a vida da criança. Não é raro ouvir-se uma dessas pessoas manifestar opinião acerca de puericultura, ousando fazer afirmações que só podem ter justificação na sua ignorância sobre o assunto e no maldito vício que resulta desta ignorância e a leva a supor-se autorizada a criticar regras cuja formulação assentou no exame objectivo e nos trabalhos experimentais efectuados, dia-a-dia, nos centros especializados das nações de mais alto nível de civilização.

Assim se justifica o índice elevadíssimo da mortalidade infantil (com a contribuição quase exclusiva das populações de deficitivo nível económico e cultural) e a existência de um contingente numeroso de indivíduos sem saúde, constituições fracas que muitas vezes saem vencidas da luta com o ambiente moderno, que, em contrapartida exige precisamente uma constituição mais forte do organismo.

Aqui, como em muitos outros aspectos sociais, se verifica essa estranha contradição, que apresenta, por um lado, resultados preciosos no domínio da ciência — ao ponto de se poder acreditar na possibilidade da construção do homem normal — e, por outro lado, a impossibilidade da utilização dessas vantagens por parte das sociedades actuais, cuja organização económica se mostra incapaz de pôr em prática, com a amplitude necessária, os resultados até agora alcançados pela ciência.

António Correia

Visado pela Comissão de Censura

## VÍTIMAS INOCENTES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tólico e anti-comunista, encontram a doçura, a ordem, o conforto material e moral, a alegria de viver, a paz e a liberdade. Nem depararam com tanques nas ruas, nem com soldados armados, até aos dentes, nem com blindados de várias espécies, nem com aviões a despejarem sobre populações indefesas toda a variedade de metralha. Esta realidade nunca saberão elas esquecer, já porque lhes tocou fundo a alma, já porque o seu espirito juvenil sentiu os prazeres do bem estar e da felicidade da paz.

Eis porque elas serão, pela vida, fora inimigas conscientes e convictas do comunismo. Eis porque a sua inteligência e o seu coração, conscientes dos processos dos regimes que estiveram, e estão, frente a frente, aberta e decididamente repelião, sem tibiezas, o barbarismo soviético, que receberá assim — e por tal jeito — o chamado golpe de misericórdia.

Estamos a atravessar uma das mais graves e das mais perigosas encruzilhadas da história da Humanidade. Os corifeus comunistas já verificaram que o seu sistema está irremediavelmente perdido, podendo dizer-se, com verdade, que daqui a poucos anos ele terá contra si os homens de todas as latitudes. Por isso mesmo, tentam agora incendiar o mundo, valendo-se dos meios mais degradantes e mais indecorosos.

Portugal ergue a sua bandeira de paz, disposto, contudo, a defender com firmeza os seus direitos e a sua liberdade. As crianças húngaras, vítimas inocentes da luta que vai travada, já compreenderam que Portugal tem razão. E é quanto basta.

Manuel Araújo

## A ACÇÃO DA JUNTA NACIONAL DO AZEITE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ço da tabela todo o azeite que lhe é oferecido pela produção constituindo existências mínimas obrigatórias em poder dos armazéns e exportadores e de reservas voluntárias em poder dos primeiros, mediante o pagamento de uma compensação a título de juro, quebras e seguro.

A Junta actua, ainda, assistindo tecnicamente o produtor, através de laboratórios e de cursos de podadores — já habilitou 7.000 podadores, fomentando lugares cooperativos — mais de 40 — e concedendo subsídios.

A Junta, numa herdade de 70 hectares, que adquiriu em Elvas, está criando uma Estação de Olivicultura Nacional, indispensável para o bom estudo de alguns problemas de natureza técnica, relativos ao azeite.

#### COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

### Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO